

READY-MADE IN BRASIL – Fui hoje visitar a mostra “Ready-made in Brasil”, na Galeria do Centro Cultural Fiesp, na Avenida Paulista. Oportuna essa mostra, que homenageia os cem anos da criação do primeiro ready-made do artista franco-norte-americano Marcel Duchamp, em 1917 em Nova York. A proposta da exposição é mapear, na medida do possível, a suposta influência do ready-made entre os artistas brasileiros, modernos e contemporâneos.

Escrevi acima “na medida do possível” porque, como afirma o próprio curador (Daniel Rangel) em seu texto, não é possível estabelecer um apanhado sem lacunas, tendo em vista a própria abrangência da proposta.

Porém, mesmo com essa ressalva, a mostra dá conta daquilo a que se propõe, a partir de um viés histórico, apropriado a uma exposição realizada em um espaço com farta visitação pública. Uma via histórica, mas sem obedecer a uma cronologia rígida, o que também é um ponto favorável para a exposição. Estão ali obras do próprio Marcel Duchamp (surpreendentes, valendo pelo que são e não propriamente pela relação direta com o tema), Wesley Duke Lee, Nelson, Leirner, Waldemar Cordeiro, Augusto de Campos, Lygia Clark – todos “clássicos” –, passando pelos “neoclássicos” Waltercio Caldas, Cildo Meireles, Regina Silveira, Emmanuel Nassar, Bispo do Rosário, até aqueles que, a partir dos clássicos e neoclássicos desenvolvem trabalhos também de altíssimo interesse (vale a visita (além dos artistas citados): as obras de Eder Santos, Lenora de Barros, Arnaldo Antunes, Afonso Tostes, Guto Lacaz, José Rufino e Pablo Lobato).

Creio que, ao realizar essa justa homenagem a Duchamp e as relações entre sua obra e a produção brasileira, a exposição traz à tona – ou mantém à tona, melhor dizendo –, um problema: aquele que afirma que os artistas brasileiros ali representados foram “influenciados” por Duchamp. Quando lemos que Duchamp influenciou esses artistas, o que pensamos? Eu pelo menos imagino um todo poderoso Duchamp olhando para o Brasil, lá do Olimpo, e dizendo: “Opa! Vou influenciar fulano, beltrano, sicrana...”. É claro que Duchamp nunca deve ter ouvido falar sobre nenhum dos artistas brasileiros presentes na mostra e, de fato, foram esses artistas que, de olho na cena artística internacional, escolheram, entre as várias propostas artísticas e estéticas existentes então, aquela que mais ia ao encontro de suas próprias inquietações em relação à arte, no caso, a obra de Marcel Duchamp (sim, Baxandall me marcou muito).

De início, tal detalhe pode parecer uma bobagem, um cuidado menor, mas não é. Quando um artista – Nelson Leirner ou Regina Silveira, por exemplo – opta (lá nos anos 1960, 1970), por Duchamp e não por Picasso, esse artista está assumindo uma atitude ativa sobre o próprio ambiente artístico em que opera e também sobre o próprio dever de sua obra. Optar por Duchamp é muito diferente do que optar por Picasso (não retirando, em absoluto, os inúmeros méritos desse último).

E tem um outro problema que paira sobre “Ready-made in Brasil” que merece ser discutido. A partir da visita à exposição, o público pode sair com a impressão de que todos os artistas ali representados foram todos, e de uma mesma maneira, “influenciados” por Duchamp, e me parece que a situação não se deu (e não se dá) dessa maneira.

Faz alguns anos (mais precisamente em 1999), Daniela Bousso organizou no Paço das Artes aqui de São Paulo uma outra interessante exposição tendo como mote a mesma discussão, ou seja, sobre as relações dentre a arte brasileira e Marcel Duchamp. A mostra tinha como título “Por que Duchamp?” e foi concebida da seguinte maneira: a curadora convidou um número x de colegas que, por sua vez, escolheu cada um, um artista brasileiro para, com sua produção, discutir as relações entre a arte local e o artista franco/norte-americano. Lembro que optei pela produção de Waltercio Caldas e o título do meu texto sobre a obra do artista era “Para que Duchamp?”. Isso mesmo, ali eu chamava a atenção para o fato de que, ao observar determinadas produções brasileiras, notava-se que a “presença” de Duchamp nessas obras, já havia sido superada. E isso porque às formulações duchampianas iniciais de “ready-made”, “ready-made corrigido”, etc., alguns artistas brasileiros sobrepujaram outras que acabaram simplesmente por superá-las ou por deixá-las, no mínimo, relativizadas.

Visitando “Ready-made in Brasil”, noto, repito, que ela passa, (ou pode passar) a impressão de que todos os artistas ali representados foram “influenciados” da mesma maneira e com a mesma intensidade por Marcel Duchamp. Se, de fato, em alguns casos percebo que determinada obra é visivelmente tributária direta de uma certa inteligência duchampiana, outras, pelo contrário, já se encontram a léguas da mesma.

Obviamente todas essas impressões não foram redigidas para diminuir a importância de “Ready-made in Brasil”, pelo contrário. A mostra é generosa o suficiente para colar suas questões com clareza sem, no entanto, conscientemente moldar à sua tese as obras expostas. Ali as obras estão expostas de forma a manter a integridade de cada uma delas, deixando que o visitante as perceba com tranquilidade, permitindo, assim, que ele ou ela chegue às suas próprias conclusões sobre as questões ali levantadas, sem os cabrestos curatoriais tão comuns.

A exposição fica em cartaz até meados de fevereiro. Não deixem de visitar.

Tadeu Chiarelli

